

EDUCAÇÃO INFANTIL E O DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA

CHILD EDUCATION AND THE DEVELOPMENT OF AUTONOMY

Jociane Modesto de Azevedo¹
Joelma Auxiliadora Soares do Prado²
Jocinira Souza Silva³
Josianny Aparecida da Costa Moraes⁴
Laura Yule de Alencar Alcântara⁵
Meire Lucia da Silva Souza⁶

RESUMO: Este artigo propõe um estudo retrospectivo sobre a autonomia das crianças na educação infantil. As questões de pesquisa foram: como as crianças respondem aos estímulos e como os professores constroem essa autonomia. Para isso, realizamos pesquisas bibliográficas para entender o que os educadores estão fazendo para fomentar a autonomia nas crianças, não apenas para ganhar poder de decisão, mas para entender o que é adequado ou correto levar em conta ao encontrar respostas na forma de pensar e atribuir soluções. Em uma base teórica, nos voltamos para as contribuições da pedagogia de Froebel, que diz respeito ao “jardim de infância” da autonomia no contexto da educação infantil e a contribuição dos professores para desenvolver essa autonomia na construção de caminhos para desenvolver a autonomia no pensamento e no campo de educação individual e social.

1389

Palavras-chave: Autonomia. Aprendizagem. Educação Infantil.

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Norte do Paraná – UNOPAR, Especialista em Educação Infantil pela Faculdade Afirmativo.

² Graduada em Pedagogia pelas Faculdades Integradas Mato-Grossenses de Ciências Sociais e Humanas, Especialista em Educação Infantil e Alfabetização pela Associação Varzeagradense de Ensino e Cultura – AVEC.

³ Graduada em Pedagogia pela Faculdade Afirmativo, Especialista em Educação Infantil com Ênfase em Atendimento Educacional Especializado - AEE Instituto INVEST de Educação Consultoria e Assessoria.

⁴ Graduação em Pedagogia pelas Faculdades Integradas de Várzea Grande, Especialista em Educação Infantil pela Faculdade - FOCUS.

⁵ Graduada em Educação Física pela Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, Especialista em Educação Aplicada ao Transtorno do Espectro Autista pela Faculdade – FAIPE.

⁶ Graduada em Pedagogia para a Educação Infantil pela Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, Especialista em Educação Infantil com Ênfase em Letramento pelas Faculdades Integradas de Cuiabá - FIC.

ABSTRACT: This article proposes a retrospective study on children's autonomy in early childhood education. The research questions were: how children respond to stimuli and how teachers build this autonomy. For this, we carried out bibliographic research to understand what educators are doing to foster autonomy in children, not only to gain decision-making power, but to understand what is appropriate or correct to take into account when finding answers in the way of thinking and attributing solutions. On a theoretical basis, we turn to the contributions of Froebel's pedagogy, which concerns the "kindergarten" of autonomy in the context of early childhood education and the contribution of teachers to develop this autonomy in the construction of paths to develop autonomy in thinking. and in the field of individual and social education.

Keywords: Autonomy. Learning. Child education.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo refere-se à autonomia das crianças na educação infantil, aplicada na formação e ensino de crianças, na estimulação, possibilitando que as crianças aprendam e compreendam o que o professor propõe, permitindo que as crianças encontrem suas próprias respostas e formem seu caráter através do pensamento individual.

Especificamente, este artigo visa explorar o conceito de autonomia na educação infantil, analisar experiências docentes que contribuem para o desenvolvimento da autonomia e reflexividade das crianças e as características da educação pluralista moderna. Espera-se que esta pesquisa seja levada ao conhecimento do professor para conscientizá-lo da importância da educação, da formação e da construção de um ensino baseado no aprender a aprender para que os alunos possam construir seu próprio conhecimento.

Decidimos estudar esse tema porque sabemos o quanto a autonomia é importante no desenvolvimento da criança e, quando estimulada, ela tem mais condições de desenvolver o aprendizado. Isso facilita o processo de ensino do professor, permitindo que ele desenvolva tarefas bem elaboradas com a participação de todas as crianças.

Portanto, este estudo busca explorar a autonomia das crianças na educação infantil e sua importância, para que os professores possam aplicar diversos conceitos na construção da autonomia, no processo de descoberta do conhecimento, o que faz a

criança querer aprender, pois, em tese, este tem dado a devida atenção e apoio ao desenvolvimento de sua própria autonomia.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Surgimento do Jardim de Infância

Friedrich Froebel foi um educador que ajudou a promover uma visão diferente da infância, mesmo que não entendesse o que passou da infância à idade adulta, ensinado pela perda de sua mãe e seu pai. Ele não esperava trazer contribuições e ideias para crianças de 0 a 6 anos, antes de tudo “ele procurava na infância o elo que igualaria todos os homens, sua essência boa e divina ainda não corrompida pelo convívio social”. (ARCE, 2002, p. 39).

Seu propósito residia em guiar, orientar e cultivar nas crianças suas tendências divinas, sua essência humana através do jogo, das ocupações e das atividades livres, tal como Deus faz com as plantas da natureza (ARCE, 2002, p. 67).

Desde então, passou-se a pensar diferente sobre o papel de mãe, de ser uma mulher dedicada, cheia de amor e bondade, para que a mulher se torne uma “jardineira”, formada até conseguir um emprego na educação. Pois, acreditava-se no poder da educação e acreditava-se que a figura feminina era dotada de dons divinos. Sua obra *No Jardim da Infância* utiliza brinquedos como auxílios didáticos, e para desenvolver uma aprendizagem significativa, os brinquedos ou materiais educativos eram chamados de “dons”.

Froebel se preocupava não apenas com a educação com o objetivo de adquirir conhecimento, mas também com o desenvolvimento de diferentes hábitos e habilidades, pois era importante que a criança passasse pela formação do caráter para que pudesse formar uma conexão interior por meio da oposição.

Segundo Froebel, existem conceitos de internalização e externalização. A primeira é receber conhecimento do mundo exterior e transferi-lo para o interior. A segunda é que a ordem deve ser do mais simples ao mais complexo, do concreto ao abstrato, do conhecido ao desconhecido.

Nas atividades do jardim de infância, Froebel contemplava, como forma de atrair as crianças, os jogos, as brincadeiras, as cantigas e roda e os jogos de

imitação. Ele atribuía a essas atividades o valor da autoeducação que são complementadas pelas atividades desenvolvidas com os dons. De acordo com o criador dos jardins de infância, os dons deveriam seguir uma progressão natural, ascendente, em termos de complexidade das tarefas (KENDZIERSKI, 2012).

Froebel enfatiza a importância de as crianças aprenderem a aprender e aprenderem a fazer as coisas. A educação passa a desenvolver as possibilidades mentais da criança, possibilitando que ela adquira novos conhecimentos e traduza características em ações, e os professores irão identificar e desenvolver talentos por meio de dinâmicas de aprendizagem, adotando ideias mais modernas.

O papel do professor nos ideais froebelianos consiste no respeito à natureza, à ação de Deus e à manipulação espontânea do mundo pelo educando, alicerçada na experiência; a metodologia consiste em orientar e despertar o aprendizado espontâneo da criança, fazendo desenvolver as qualidades em prol do aniquilamento dos efeitos (KENDZIERSKI, 2012).

Foi aí que começou a mudar o conceito de jardim de infância, uma educação do século XX que sempre teve como objetivo aprofundar o conhecimento por meio da educação utilizando brinquedos e jogos. De forma divertida, desenvolve-se a inteligência da criança, desenvolvem-se suas habilidades e essas práticas são aplicadas na educação.

2.2 Autonomia na Educação Infantil

Na visão da educação tradicional, a escola não permite que o aluno critique ou pense, por isso a forma como ele recebe o conhecimento está ultrapassada. Dessa forma, as mudanças na educação trouxeram grandes transformações e as crianças começam a ser vistas como capazes de aprender e desenvolver habilidades. Então elas começaram a ter seus próprios direitos na educação.

Modernamente, as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI, Resolução CNE/CEB nº 5/2009), em seu Artigo 4º, definem a criança como:

Sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

A aprendizagem agradável e divertida abre caminho para um melhor desenvolvimento da criança, permitindo-lhe melhorar a sua aprendizagem. Para

desenvolver estímulos para encontrar suas próprias respostas, é importante criar um ambiente agradável que possa proporcionar às crianças uma experiência criativa. De acordo com Paulo Freire (1996, p. 35), a aprendizagem é “um processo que pode deflagrar no aprendiz uma curiosidade crescente, que pode torná-lo mais e mais criador”.

Como princípio, entendemos que dar autonomia aos alunos na educação infantil é motivar os alunos. Mas autonomia não é apenas deixar o aluno confortável e deixá-lo fazer o que ele quer fazer, é o professor partir de uma ideia e capacitar o aluno a encontrar soluções para os problemas por si mesmo, ou seja, encontrar suas próprias respostas, respeitar a liberdade e ter limitações.

De acordo com o dicionário de filosofia de Abbagnano (1982), autonomia é um termo introduzido por Kant para designar a independência da vontade em relação a qualquer desejo ou objeto de desejo, e a capacidade de se determinar de acordo com suas próprias leis, a causa.

Autonomia é muitas vezes confundida com heteronomia (quando uma criança não é estimulada, ela não pode questionar, refletir, inventar ou criar regras). Para Piaget (1978), as crianças passam por duas fases e, com o tempo, as crianças evoluem da heteronomia para a autonomia, continuando a superar suas conquistas. É bom destacar as diferentes características da anomia, quando as crianças começam a adquirir seus desejos aos cinco anos, não entendem suas regras, e então começam a receber total ajuda dos adultos.

No momento da hesitação, a criança passa a respeitar as regras impostas pelos adultos e a executar ordens com base em dois sentidos: afeto e medo. Segundo o mesmo autor, a autonomia ao trabalhar com crianças desenvolve sua capacidade de pensar e expressar opiniões, e esse aprendizado pode ser utilizado em casa, na sala de aula ou em outros locais que promovam o desenvolvimento infantil.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil busca soluções educacionais para fornecer instrução instrucional para crianças de 0 a 6 anos que buscam desenvolver habilidades afetivas, sociais, emocionais e cognitivas. Assim, segundo Brasil (1998, p. 14):

A autonomia, definida como capacidade de se conduzir e tomar decisões por si próprio, levando em conta regras, valores, sua perspectiva pessoal, bem como a perspectiva do outro, é nessa faixa etária mais do que um objetivo a ser alcançado com as crianças, um princípio das ações educativas. Conceder uma educação em direção à autonomia significa considerar as crianças como seres com vontade própria, capazes e competentes para construir conhecimentos, e, dentro de suas possibilidades, interferir no meio em que vivem.

Indiscutivelmente, de acordo com o Referencial Curricular Nacional, uma das principais ferramentas de fundamental importância na educação infantil é o professor, cujo principal objetivo é desenvolver a autonomia das crianças. O educador fará isso construindo uma relação de confiança entre ela e o aluno, desenvolvendo um trabalho que permita à criança refletir e se responsabilizar, ou seja, permitir que o aluno participe do processo educativo, valorizando as ações estabelecidas para fomentar autonomia de desenvolvimento.

Mais importante ainda, os princípios gerais de autonomia estabelecidos no Referencial Curricular Nacional são o que orientam os alunos para a ação, permitindo que as crianças construam seus próprios conhecimentos. Trata-se de dar autonomia, o que pouco a pouco torna as crianças mais empoderadas e prontas para atuar no mundo em que vivem.

A autonomia promovida na educação infantil facilitará o envolvimento das crianças em atividades práticas, o que favorece o tato no dia a dia.

A demonstração pelo adulto não dá mais que a simples percepção, o que vem a mostrar que, ao se fazer experiências diante da criança em vez de fazê-las ela própria, perdesse todo valor de informação e formador que apresenta ação como tal (PIAGET, apud SANTOS; ALCANTARA, 2014).

No processo de construção da autonomia, as crianças constroem a imaginação e a criatividade, e formam novos conhecimentos e aprendizagens na sua relação com o mundo e com os outros. Como já foi dito, a autonomia é uma forma de autorregulação e está relacionada à capacidade de fazer as coisas por si mesmo, mas a consciência do indivíduo sobre o que pode e deve fazer também está diretamente relacionada ao desenvolvimento da consciência moral. Toda educação infantil é importante para que as crianças demonstrem pequenas atitudes pessoais, que estão relacionadas ao incentivo à interação social com seus pares.

A essência da autonomia é que as crianças se tornam capazes de tomar decisões por elas mesmas. A autonomia não é mesma coisa de liberdade completa. Autonomia significa ser capaz de considerar fatores relevantes para decidir qual deve ser o melhor caminho da ação. Não pode haver moralidade quando alguém considera somente seu ponto de vista. Se também considerarmos o ponto de vista das outras pessoas, veremos que não seremos livres para mentir, quebrar promessas e agir irrefletidamente (PIAGET, KAMII, 1990, p. 47).

Uma criança autônoma aprende a fazer suas próprias escolhas, avaliar seus próprios desejos e vontades e traçar seus objetivos para alcançá-los. O desenvolvimento da autonomia da criança constrói uma personalidade saudável. À medida que a autonomia se desenvolve, o mesmo acontece com outros aspectos da personalidade, e com ela vem o conceito de certo e errado, porque a autonomia traz responsabilidade e limitações, como a moralidade.

Criatividade e autonomia andam de mãos dadas na medida em que alguns pressupostos para o desenvolvimento de ambas são os mesmos. A experiência do mundo, a interação entre sujeitos e a construção ativa do conhecimento podem proporcionar impulso criador e questionador, além de levar a criança a um desenvolvimento do sentido de cooperação e de diálogo (MANZINI, 2006, p. 4).

A autonomia desempenha um papel importante na vida de uma criança quando ela entra em jogo na educação infantil, pois ela não utilizará essa autonomia não só em sala de aula, mas fora do ambiente escolar, assim, levando para toda sua vida as habilidades motoras, cognitivas e socioafetivas.

2.3 Os docentes e a autonomia infantil

Os professores precisam desenvolver estratégias para combinar com a indagação, criatividade e curiosidade das crianças para fazê-las entender o que está sendo ensinado. Dessa forma, o professor precisa ter consciência de sua importância como educador na vida das crianças, e as crianças precisam aprender para desenvolver autonomia, inclusive em relação à sua própria aprendizagem. De acordo com Paulo Freire (1996, p. 47), todo educador precisa “saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua própria produção ou sua construção.”

Nesse sentido, os professores devem realizar um trabalho diferente do que normalmente conhecemos, passando da aprendizagem mecânica em que os alunos

aprendem por repetição para uma aprendizagem mais construtivista, que exige tempo e compromisso com a educação em sentido amplo, além de saber o que é importante na vida de cada criança. Por fim, os educadores devem ter como objetivo trabalhar e orientar as crianças para o desenvolvimento da autonomia, respeitar seu tempo e suas limitações e observar atentamente os passos e percursos das crianças no desenvolvimento da autonomia sem se frustrar. Também não interfere na tomada de decisões durante o processo de aprendizagem.

[...] é uma reflexão educacional apoiada no princípio de que o conhecimento que conquistamos não é algo que vem de fora, passado de uma pessoa para outra ou adquirido por meio de uma leitura, mas, sim, algo que é estimulado a partir de experiências, quando delas o estudante participa ativamente, buscando de fato conhecê-las e, assim, experimentando-as, pesquisando e refletindo sobre tudo que foi falado (CELSO ANTUNES, 2008, p. 17)

Professores que não são aconselhados a pensar livremente e divulgar suas experiências formativas podem se tornar autoritários. Os professores precisam ser respeitosos com os alunos e ter bom senso na prática educativa para trabalhar ou potencializar o estímulo de novas aprendizagens.

Nesse ponto, fala-se da importância do professor crítico que ensina o aluno a aprender de forma independente, faz dele um pesquisador de novos conhecimentos, concretiza-se, e então o aluno passa a indagar, buscar e reconstruir. Sobre esse fazer pedagógico, sabe-se que “Ensinar, aprender e pesquisar lidam com esses dois momentos do ciclo gnosiológico: o em que se ensina e se aprende conhecimento já existente e o que se trabalha a produção do conhecimento ainda não existente”. (FREIRE, 1996, p. 69).

Na educação infantil, o papel do professor é transmitir o conhecimento, realizar a aprendizagem no exercício da autonomia, e permitir que a criança exercite sua capacidade de pensar e encontrar respostas, pois geralmente não é permitido às crianças serem estimuladas e autônomas, devido à falta de qualificação e conhecimento multidisciplinar dos educadores.

Professores e alunos precisam se respeitar na arte de entregar alegria e na arte de construir e conciliar ideias na troca de novos conhecimentos que os levem a novos

aprendizados para progredir na descoberta. Portanto, salas de aula entusiasmadas, motivadas e divertidas são muito importantes nas atividades apresentadas a cada dia.

Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que, com professor e alunos juntos, nós podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e, juntos, igualmente, resistir aos obstáculos a nossa alegria (FREIRE, 1996, p. 72).

Os professores precisam saber como entregar seus conteúdos de forma clara e interessante para que as crianças possam abrir caminho para seu aprendizado, pois os educadores têm a responsabilidade de formar e educar novos pensadores, não de tornar os alunos meros receptores do conhecimento. Esse sujeito, além de ser destinatário do conhecimento, precisa saber onde está, não apenas a partir do ensino, mas da garantia de que a autonomia lhe foi dada, não apenas para que o indivíduo encontre suas respostas, mas também para que ele compreenda como enfrentar as escolhas de sim ou não.

Na verdade, o desenvolvimento tanto da autonomia quanto da criatividade nas crianças são pressupostos desejáveis de uma educação de qualidade. Entretanto, para que se consiga atingir tal objetivo é preciso que os professores mudem sua visão de educação (MANZINI, 2006, p. 13).

Para Vygotsky, o aprendizado é variado, porém, dependendo do desenvolvimento recente dos alunos, e os professores percebem que nem sempre as crianças são capazes de resolver seus problemas e precisam da ajuda dos adultos. Pode-se dizer que os educadores, ao conhecerem o verdadeiro nível de desenvolvimento da criança, podem realizar tarefas que orientam a criança para os objetivos traçados no processo de aprendizagem.

A zona de desenvolvimento proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que madurações, mas que estão presentemente em estado embrionário. Essas funções são chamadas de “brotos” ou “flores” do desenvolvimento ao invés de frutos do desenvolvimento (VYGOTSKY apud SANTOS; ALCÂNTARA, 2014).

É importante ressaltar a importância da imaginação no desenvolvimento pessoal e o comportamento dos educadores em proporcionar ou criar um ambiente agradável para estimular o comportamento cognitivo e social das crianças na forma como aprendem. Quando o professor proporciona esse momento de busca de autonomia baseada em conteúdo, ele passa a intervir entre as disciplinas, não apenas na

aprendizagem baseada em conteúdo. Portanto, os professores precisam estar cientes do uso da aprendizagem “passiva”.

Se considerarmos que a criação consiste, em seu verdadeiro sentido psicológico, em fazer algo novo, é fácil chegar à conclusão que todos podemos criar em grau maior ou menor e que a criação é companheira normal e permanente do desenvolvimento infantil (VYGOTSKY apud MANZINI, 2006, p. 12).

Na educação infantil, é preciso trabalhar o desenvolvimento da autonomia sem esquecer a necessidade do brincar e da aprendizagem imaginativa, em que os brinquedos também proporcionam um espaço de desenvolvimento recente. Aqui, Vygotsky relata a importância do faz de conta, que é um momento em que a criança desenvolve a criatividade, incluindo características que a criança relata repetidamente em suas experiências cotidianas.

Dessa forma, é muito importante que o professor faça sugestões em sala de aula para brincadeiras. A partir desse momento, deixar a criança pré-definir suas ideias e autonomia, deixar que os alunos interajam e ajudem, e que ela entenda a importância dos jogos. Ajudar a professora com atividades simples como colocar seus materiais na mochila, guardar brinquedos ou até mesmo resolver problemas de conflito a prepara e a torna resiliente.

1398

Enquanto ensino, continuo buscando, procurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar; constando, intervenho; intervindo, educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (FREIRE, 1996, p. 29).

É importante que os alunos se sintam familiarizados em sala de aula, o que nunca pode acontecer por meio da improvisação. As atividades apresentadas em sala de aula precisam ser organizadas para que possam reorganizar o ensino do conteúdo e seu cotidiano, como o silêncio na explicação do conteúdo, como colocar o lixo no lixo e até mesmo se orientar para enfrentar dúvidas que possam surgir.

Os alunos precisam estar prontos para usar a autonomia, precisam usá-la adequadamente, entender a importância de usar essa liberdade, respeitar as convenções de uso e sua importância, e se tornarem independentes. Nesse caso, o professor é o

mediador desse processo de desenvolvimento, ao invés de ser visto como o dono do conhecimento.

Que ele seja capaz de discernir que nem todos são oniscientes, não para impor suas próprias escolhas aos alunos, mas para despertar seu verdadeiro eu. “O aluno necessita descobrir que seu professor não é figura distante, de alcance limitado e que inspira medo, mas amigo experiente que com ele trilha os caminhos sugeridos pelo desafio que construiu” (ANTUNES, 2008, p. 43).

Ao trabalhar com as crianças em atividades, os professores devem registrar os desenvolvimentos monitorados em sala de aula. Os professores devem contar com a assistência integral da escola para o desenvolvimento de atividades que promovam a autonomia. Por isso é importante para um professor de qualidade, sempre em busca de conhecimento e inovação, mesmo que a instituição não tenha muita colaboração, o educador deve usar as dificuldades como motivação.

A responsabilidade do professor, de que às vezes não nós damos conta, é sempre grande. A natureza mesma de sua prática é eminentemente formadora, sublinha a maneira como a realiza. Sua presença na sala é de tal maneira exemplar que nenhum professor ou professora escapa ao juízo que dele ou dela fazem os alunos. E pior talvez o juízo é o que se expressa na “falta” de juízo. O pior juízo é que considera o professor uma ausência na sala (FREIRE, 1996, p. 65).

Como professor, seu papel fundamental sempre será buscar conhecimento e aprendizado para entender melhor o mundo dos pequenos, saber passar confiança e trabalhar com eles para ganhar autonomia na educação infantil. Os alunos precisam da confiança do professor porque ele será um modelo para os alunos.

CONCLUSÃO

Diante do exposto, e no decorrer deste trabalho, podemos constatar quão eficazes são as contribuições de Piaget, Antunes e Freire para ajudar a compreender os métodos e as teorias do trabalho dos professores para desenvolver a autonomia das crianças na sala de aula da Educação infantil.

Podemos afirmar que para o desenvolvimento da autonomia das crianças, os professores devem compreender seu papel, não apenas como transmissores do

conhecimento, mas também como parte fundamental da vida das crianças. Os professores precisam buscar conhecimento e aprender para trabalhar de forma autônoma. O professor precisa estar ciente de sua importância no exercício da autonomia, sendo um mediador na vida de cada criança, capaz de ajudar a estruturar ideias e decisões, e desenvolver sua capacidade de formar indivíduos que possam pensar por si mesmos.

Concluimos que a autonomia dependerá das ações docentes. Vemos que muitas escolas até sabem o valor e a importância de cultivar a autonomia, porém, no dia a dia agitado, os professores muitas vezes não percebem a importância de cultivar a autonomia das crianças. Muitas vezes, os professores não querem trabalhar e não buscam diferenças para melhorar a aprendizagem e desenvolver uma aprendizagem autodirigida de alta qualidade.

Esperamos que este artigo ajude os professores a trabalhar adequadamente a autonomia em sala de aula e compreender a importância da autonomia no desenvolvimento de uma criança, pois é necessário tentar conciliar e encontrar formas de compreender isso mesmo diante de dificuldades no dia a dia, para se desenvolver a autonomia.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. Dicionário de filosofia. Tradução Alfredo Bosi. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1982.

ANTUNES, C. Piaget, Vygotsky, Paulo Freire e Maria Montessori em minha sala de aula. São Paulo: Ciranda Cultural, 2008.

ARCE, A. Lina, uma criança exemplar! Friedrich Froebel e a pedagogia dos jardins-de-infância. Revista Brasileira de Educação. n. 20, maio/ago., 2002.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Parâmetros curriculares nacionais. vol. 1- Introdução. 3. ed. Brasília: Secretaria da Educação Fundamental, 2001.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 29. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KAMII, C. *A autonomia como finalidade da educação: implicações da teoria de Piaget*. In: *A criança e o número*. Campinas, SP: Papyrus, 1986.

KENDZIERSKI, M. *Friedrich Froebel e os jardins-de-infância*. 2012. Disponível em: <https://anais.unicentro.br>. Acesso em 07 agost. 2022.

KOHL, M. *Vygotsky: aprendizagem e desenvolvimento*. São Paulo: Scipione, 1993.

MANZINI, A. L. *O desenvolvimento da criticidade e da autonomia na escola: o que nos dizem*. 515 p. Dissertação – Mestrado em Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ. 2006.

PIAGET, J. *Biologia e conhecimento*. Porto, Portugal: Rés Editora, 1978.

SANTOS, M. R.; ALCÂNTARA, J. *Autonomia e a Educação Infantil*. 2014. 20f. (Monografia) Pósgraduação, Psicopedagogia.